

CAMINHOS E FRONTEIRAS

165

M. Cavalcanti Proença

Cada parte poderia constituir, sozinho, um volume, embora não signifique isso falta de conexão, capaz de dar-lhes unidade. Na verdade, possuem coerência, não só entre si, como vão mesmo entroncar-se na linha geral dos trabalhos do autor, que pôde, por isso, reproduzir, na introdução, longo trecho de obra anterior, como prefácio e explicação do livro agora comentado.

Mantido o afastamento temporal, estes ensaios se apresentam com o feito dos velhos tratados, em que paralelamente aos problemas apresentados, às conclusões deduzidas, aparece o delicioso descritivo, com nomenclatura e funcionamento de teares, processos de descaroçar algodão, fabricação de farinha, superstições e tanto mais, anunciados em títulos convidativos: "A Cera e o Mel"; "Botica da Natureza"; "Monjolo"; "Fechas"; "Feras, Febres".

O que desde logo impressiona é essa já assinalada possibilidade brasileira de "assistir" ainda hoje, à prática dos nossos hábitos e técnicas tradicionais. Bastou ir a Sorocaba e depois a Cuiabá, para remontar até o período colonial, convivendo com as rendeiras, como poderíamos, neste momento fazer que os relógios caminhassem para a esquerda e assistir à bateagem do ouro, à plantação do milho, à lida do gado, à pesca de arco. Pertencem ao passado e ainda continuam atualidade. Mato Grosso e Goiás completam e esclarecem, com um restinho de São Paulo, a vida bandeirante, até nos seus aspectos rúnicos de cantadores de cururu.

É natural que de um trabalho como este, não passemos além de um comentário, pois o que está realizado com paciência e erudição, exigiria, para criticá-lo, a retomada do assunto, consultas à documentação e familiaridade com o tema, que permitisse discutir ou ampliar a validade das conclusões propostas. Na verdade, o viável é aduzir pequenos comentários ou notas, alguns até seu tanto ingênuos ou líricos, mas que se devem desculpar pela intenção de homenagem a tão importantes ensaios.

O livro começa na vila de São Paulo, centro de amplo sistema de estradas. Nos mapas da era de seiscentos. Na verdade, são caminhos que exigem tanto de caçador ou experiência de vaqueano. Os galhos quebrados de espaço a espaço indicam, aos que seguem, e permitem, aos que voltam, não perder o rumo, como até agora fazem os caipiras. É o caape-pena da Amazônia desnominaldo, mas presente em todo o Brasil, e, como vi no sertão do Nordeste, com a variante de fechar um trilho que se bifurca, colocando um galho atravessado na boca do extravio.

Mas os trilhos se tornaram permanentes à força de uso depois das oscilações, que sempre ocorrem, até se fixarem na hipotenusa, como quer Capistrano, ampliando a observação de Moising para as estradas de

A elegância do escritor que sabe dizer a sua mensagem, a seriedade dos estudos e uma capacidade de encontrar no material esparso o traço unificador que permite reuni-lo para esclarecer momentos de nossa evolução, estão presentes e vivos, de novo, neste *Caminhos e Fronteiras* (*).

O livro está dividido em três partes: "Índios e Mamelucos", em que se grupam os estudos que dizem respeito à conquista do sertão, ao ajustamento e interação de homens e natureza em que importavam as viagens pelo interior; na segunda, "Técnicas rurais", reuniu informações e nos apresentou interpretações que permitem reconstituir a existência dos colonos, principalmente em São Paulo, existência e modos de vida que resultaram dos contatos "mais ou menos íntimos" com os indígenas; a terceira, "O Fio e a Teia", é a história e o papel dos teares, que se valorizam e dão importância ao algodão.

ferro. Pois a concretização de *Caminhos e Fronteiras* mostrando como, em linhas gerais o traçado dos caminhos de ferro concorda com o dos velhos caminhos, de pedestres e tropas, vem dar mais autoridade a Capistrano e estabelecer um denominador comum para os homens e as máquinas a vapor — a servidão da água. Pedestre, ginete escoteiro, tropa de burro, precisam de água de ponto em ponto do caminho, tal e qual as caldeiras, de sede maior, embora mais espaçada. Discordantes, parece, são as estradas de rodagem, fugindo mesmo da água de que pouco necessitam e que encarece o traçado pela obrigação de obras de arte.

E quem fala de caminhos percorridos, tem de falar dos pés, primeiro desprotegidos e só gradativamente calçados. Calçado, sinal de nobreza, mas também impressivo dos encantos femininos que entraram literatura a dentro, com o clichê dos "mimosos pés" capazes de calçar sonetos, a galeria dos pés volteados, que só cabiam em botinas obras de arte. A literatura confirma a observação e se põe de acordo com a quadrinha definidora do "pé de chumbo, calcanhar de frigideira", do galego. Mas, aqui, como em outras ocasiões, vamos anotar o curioso fenômeno de o nativismo, contra os portugueses, aproveitar os mesmos preconceitos revelhos da metrópole, onde os pés pequenos foram sinal de distinção e o calçado, índice de importância social, de prestígio "quase mágico".

E paulistas repetem os portugueses que andaram batizando, de Santarém e Obidos, regiões da Amazônia, enquanto bandeirantes andejos, mas saudados de São Paulo (parece que viajavam para ter saudade) vão repetindo os Lava-Pés, nomes de bairro onde haja córrego na estrada do comércio urbano. Assim foi em Cuiabá, onde se conserva, mostrando o caminho de quem chegava por terra (e note-se que é ribeirão despraiado, sem barranca, próprio para o ato), o Pari da beira do rio Cuiabá, como o que denominou o trecho do Tamanduateí paulista, a Cruz Preta, e outros.

Se não me apresso não há tempo para falar de um termo corrente em Cuiabá, que me parece merecer. Caloteiro de outras terras, ali é fintador, e não, pagar dívidas é fintar. De onde virá isso? A primeira vista, parece logo termo de esgrima, negar o corpo. Mas, na verdade mesmo, parece que vem de finta, subscrição feita entre os habitantes para realizar obras públicas, pontes principalmente. Constatava promessa de devolver o dinheiro da subscrição, mas o cumprimento ficava para o dia de S. Nunca. Havia então um encarregado de "passar a finta" e a expressão popular mantém a soldadura do verbo. O que se ouve é "fulano passou a finta" em sicrano.

Mas, voltemos ao pé descalço que ainda vai determinar a maneira de encaixar o estribo. Não contesto o uso de encaixar os quatro dedos menores, deixando o dedo grande de fora, mas tenho visto os dois extremos do lado de fora, e é bom lembrar o estribo de palito ou de botão de guasca, que foi corrente no pampa argentino e brasileiro e dá apoio mantendo o loro entre o dedo grande e o seu vizinho. Merece referência a camba, chinelo de metal que também estabelece distinção de classe social, diferente das de sola ou couro cru, apenas de papel protetor em campo sujo.

E os caminhos dos índios foram, até certo ponto, o aproveitamento de trilhos de animais silvestres, anta em primeiro lugar, e ainda hoje se aproveitam as abertas que abre o gado dentro do cerrado, ou a madeira derrubada, conduzida até o local de transporte em alcaprema ou de rastos. É o vaquejador, o rastador, com o sufixo curo já desfigurado. Ainda falando de vocabulário, aquela referência às pernas em X dos guató não correspondem ao jambre ou zambre do português velho e corrente, na região estudada por Sérgio Buarque de Holanda?

Problema de viagem é água e vem tratado com largueza no título "Samaritanas do Sertão". Também dos animais devem ter aprendido os índios e passado aos paulistas. Sinais certos de água feito a palmeira buriti e a buritirana que nas-

cem nas cabeceiras, entre pindeibas mais características, de nascedouro de córrego; a árvore que chora, raiz de umbu, caule de mandacaru. Mas os planaltos são de águas perenes, riachos e riachos descendo para alimentar os rios que se engrossam nas baixadas. O desnível ajuda o monjolo que vai aparecer outra vez, muito importante, quando se tratar do milho. Podemos falar dele, desde agora, que é invenção de muito engenho, se bem que velhíssima e nada brasileira. Pegou porque trabalha sozinho e isso importa muito em terras onde a população é escassa, mão-de-obra difícil.

A necessidade da meia encosta para obter o declive necessário ao régo, que enche o côcho do monjolo caracterizou a localização das casas de paulistas e seus descendentes. Nas planícies não vive o monjolo e o milhão não acompanha o homem que o abandona, por inútil, se o não pode pilar.

Capítulo pormenorizado, com ilustrações e poético por si mesmo, sem intervenção do escritor. Deu a importância, que não é favor, ao monjolo, gravura onde infelizmente não aparece o "inferno" representando-o em função e nomenclatura. Remeteu o leitor para Alberto Rangel e Taunay que utilizou bastante o autor do *Inferno Verde*, cujo estilo até que lembra o engenho que descreve como "alavanca do primeiro gênero que tem uma ducha por potência (até aqui é água correndo) e dança um baticum de bombo (aqui o pilão batendo) a seu passo de marcha cadenciada e soturna" (monjolo batendo ao longe). Monteiro Lobato poderia ser lembrado também n'A Vingança da Peroba que, além dos nomes, ainda comenta defeitos de construção.

Antes de passar ao capítulo da alimentação, fez um volteio pela cera e o mel, consignando a inesperada aplicação pedagógica que consistia em castigar os alunos puxando-lhes os cabelos com uma bola de cera presa à ponta de uma vara de marmelo. Meninos da interior utilizaram e ainda utilizam a bola de cera na ponta de um fio que se introduz em toca de aranha caranguejeira: a bicha irritada crava as queliceras na cera e é içada para fora em pescaria divertida.

Nas iguarias de bugre, não tratou de mandioca, por muito conhecida e louvada, mas se deteve no mais estranho, como o prato regional, de abdomens de içá (tanajura savitu ou saúva), crus ou torrados, que Couto de Magalhães tentou experimentar sem sucesso, pelo cheiro atívido. Poderia acrescentar o cozimento com virtudes de catuaba em Minas Gerais. E a polpa farinhosa do jatobá, terrível para dar engasgo. Larvas de besouro, gordíssimas e brancas, melotontoides dos zoólogos, creio que o pão de galinha do Nordeste. E eram prato apreciado.

Nas viagens deste século o
(Conclui na 2.ª página)

continua...

CAMINHOS E FRONTEIRAS

(Conclusão da 1.ª página)

grande Rondon, necessitado, teve de usá-lo oferecido pelos índios. Não o julgou repelente, nem de gosto mau.

O consumo de palmito era grande e justificável nas bandeiras. Mas o atual é quase doloroso, quando sabemos que para a obtenção do grêlo das palmeiras, é preciso matá-las novas. Adocicado, o palmito, de maior uso, alterna pelo Brasil com a guarirova, de gosto amargo, preferida pelos apreciadores de giló. Das receitas de comida que andei colhendo em Mato Grosso, poderia apresentar algumas outras, mas não é aqui o lugar. Lembraria, entretanto, o curimatá assado na brasa à beira d'água, com tripa e tudo.

E as comidas de viagem: a passoca de carne e farinha em primeiro lugar, incorrutível se não leva cebola, e as comidas de pouso; maria-isabel: arroz e carne seca feitos na mesma panela, carne seca assada e pirão de água fria, arroz com pequi apanhado nativo nas chapadas e a sopa de banana verde, boa para empalamados.

O sertão oferecia caça e pesca. Mansa de começo e muito arisca nos lugares transitados. Exigia pericia de flecheiros e atiradores. De armadilha quase nada, que viajante não tem demoras que dêem para esperar o resultado do mundéu, da joça ou do laço. A rainha das armas era o arco. Um arco suportava chuva e estava pronto a ser usado, atirava algumas flechas, enquanto o arcabuz de carregar pela boca negava fogo, tomava tempo com a colocação da bucha, da carga e ainda da escorva. No Piauí recolhi a denominação de "espera-ai" para esse tipo de arma. Ao lado do cano, junto à culatra, há um pequeno côcho, onde se coloca a pólvora da escorva. O gatilho, já de mola, tem na parte superior uma garra para prender a pedra do fuzil. Puxado, a pedra roça uma placa de aço, lança a faísca que incendeia a pólvora do côcho e a chama penetra afinal pelo ouvido do cano e... o tiro ribomba com um sóco formidável de coronha. E' claro que, se alguém quisesse matar o outro com arma desse tipo, tem de intimar: "espera-ai". Ou opta pela tocaia. Não terá alguma influência no hábito da tocaia, a complexidade dos bacamartes?

Assim que, até o aperfeiçoamento das espoletas de fulminato, a arma de fogo não conseguiu desbancar o arco. Exceto para efeitos morais de estrondo trovejante.

Já no assunto de pescarias, quero fazer referência ao vocábulo peçonha, usado para a cal, o barbasco e outras substâncias. Sei bem que peçonha ou ponçonha é velho português, sinônimo de veneno. Mas, de tempos para cá, peçonha tem sido reservado para os tóxicos de origem animal, ou, melhor, de origem glandular, cobras, aranhas, escorpiões. E parece haver vantagem na especificação, de onde este reparo de minúcia.

Da pescaria não pormenoriza porque é tema para volume e não de artigo.

Mas no boi se pode achar o bezoar ou bazar que já leva para o assunto de medicina sertaneja. Até hoje se mantém o prestígio de trazer boa sorte, embora possa ainda conservar o de antidoto, que não conheço.

A natureza do bezoar não é uniforme. Há os que se constituem de substâncias resinosas, dispostas em camadas concêntricas, em torno de um núcleo. Talvez desse fato se inferisse o papel de contra-veneno, como se as camadas superpostas fossem a defesa do organismo para isolar o veneno representado pelo núcleo. Mas há os que não são mais que concreções de sais de cálcio, com os nomes médicos de enterólitos, coprólitos e até litopédios, encontrados no útero. Mas os de maior frequência são os constituídos de pêlos, egagrópilos, frequentíssimos no rumem e atribuído ao hábito de se lamberelem, os animais, entre si atraídos pelo sal do suor depositado no pêlo. O bezoar já foi classificado em oriental, ocidental e teve outras denominações. O antilope bezoar parece o epônimo, mas os ruminantes em geral o apresentam, desde a lhama ao carneiro, aparecendo ainda nos porcos, tanto nos do mato como nos domésticos.

A relativa extensão desta nota pretende, justificar-se pela importância folclórica do assunto.

Mas a medicina dos índios encontrou acolhimento e convergência nas sarjaduras e sangrias em que a ferramenta se substituiu pelos dentes de cutia, quati, bicos de ave. Lery informa também o uso de sarjaduras com dentes de animais como provocadoras de hemorragia vicariante capaz de evitar o catamênio.

A observação da acolhida por parte dos europeus do "processo que consistia em afoguear-se por meio de brasas o corpo ou parte do corpo" me veio esclarecer uma terapêutica que cheguei a verificar várias vezes para eliminar os tanchins, (oxyuris) das crianças. O menino, durante o prurido, é posto sentado em um tamborete de assento com abertura circular sob o qual se coloca uma pá de brasas. Para ajudar, mas não é obrigatório, pode-se colocar um pouco de breu branco ou erva-de-Santa-Maria seca. Na mesma linha está o toucinho quente, chian-do nos pés dos que pisam em prego ou que têm qualquer ferimento penetrante profundo. Também se defuma a venta de cavalo arejado, com ar de estupor.

Para diante, na classe do virtuoso dente de jacaré, podemos juntar o espinho de coandu, o ouriço, que, posto na cova de um dente estragado e dorido é tiro e queda. Mas é preciso

cuidado, que espinho de ouriço, quando crava, vai entrando sempre até sair do outro lado; me garantiram. Da virtude que possuem partes do corpo de animais, o repertório é vasto. Começa pela anhumã que deu nome ao Tietê de hoje. Anhembi. Os esporões da asa e da crista haviam de chamar a atenção de gente curiosa do tipo de Gabriel Soares que chegou a anotar a curvatura exagerada da traquéia da Aranguan. Mas é preciso distinguir anhumã e anhumã. A que descreveu Maccgrave é a verdadeira, pois há também a anhumã-poca, sem esporão na crista, mas com os dois alares. Serve para classificar campo bom para cria de cavalo e os gualcurus lhe tinham o esporão por muito virtuoso. Castelnaau é quem o afirma. O osso de canela de macuco é porta-felicidade. Minha avó tinha um que lhe deu o Tenente Oliveira Melo, o Melo Brabo, que foi herói na fortaleza de Coimbra.

Da medicina dos excreta Mário de Andrade falou com a proficiência mariana e é citado com justiça. Mas, lembro aqui, porque não o vejo em ambos, que o estrume de vaca é muito utilizado para alvejar roupa, misturado com água. Para dar liga ao rebôco, em

construções de rancho de pau a pique melhorados. Depois, o cupim ataca o rebôco e vai comendo os detritos vegetais e deixa o barro todo rendilhado. Leio em Júlio Ribeiro que também substituiu o barro, com vantagem para o clareamento do açúcar, como já assinalara Mário de Andrade. Dessa capacidade alvejante talvez nasça o prestígio do chá-de-mil-ervas e o uso de estrume fresco sobre a pele para tratamento do fogo-selvagem no sul matogrossense. A teia de aranha é hemostático e fel de boi abre furúnculo como lanceta. Sérgio Buarque de Holanda transcreve uma informação de cura com urina e fumo, de um Francisco de Carvalho, encontrado "com bocas e narizes e feridas cheias de bichos". De certeza, a urina e o fumo ajudaram a matar as larvas de mosca. A cura rápida se deu pela secreção deixada na ferida pelas próprias larvas, assunto que foi estudado na primeira grande guerra, e houve mesmo a preparação farmacêutica da secreção larvar para uso médico. O velho Roger, em sua Introdução ao Estudo da Medicina conta como se deu a descoberta do fato durante a guerra.

(*) — Holanda, Sérgio Buarque de — 1957 — Caminhos e Fronteiras — José Olímpio — Edt. Rio — C.N. Documentos Brasileiros, n.º 39.